

Or. 37. - *Alfonso Alves de Sá*
- *Apr. 21, 1958*
H. A. P. Goncalves

VOZ DE ANTAS

S. PAIO DE ANTAS
= ESPOSENDE =

ANO I N.º 6
MAIO DE 1958

Composição e Impressão:
Escola Tipog. da Officina de S. José
- BRAGA -

MÊS DE MARIA

NO dia 1 de Maio, à tarde, quando o Sol, que nesse dia fora escaldante, se deitava já no Oceano, lá para os lados da Guilheta, os sinos da nossa Igreja tocaram alegremente. E o seu repicar festivo desceu contente e veloz até ao mar e subiu convidativo e fresco a encosta até às bandas de Forjães, deixando em todas as almas uma alegria airosa e radeante.

E todos, ou quase todos, depois de darem mais um jeito aos trabalhos que tinham entre as mãos, se dirigiram apressadamente para suas casas, a fim de alinharem um pouco o vestuário e depois subirem até à Igreja.

Sobre um muro dos nossos caminhos de S. Paio estava um menino, de seus quatro anos, inocente e curioso, espreitando as pessoas que passavam. Ouvira o sino um pouco intrigado, de narizito no ar voltado para a torre da Igreja e agora via, admirado, passar as moças e os moços, os homens, e as mulheres, de fato domingueiro, cara alegre e sorridente, a caminho da Igreja; até os velhinhos para lá iam, mais desembaraçados e leves naquele dia.

O pequenito observava e na sua cabecinha de criança começou a fervilhar esta pergunta: «porquê será?». Não resistiu mais. Desceu do muro e correu ligeiro para casa onde a mãe estava, na cozinha, sentada na lareira, a descascar umas batatas. E, logo ao entrar, desfechou a tal pergunta que já vinha engatilhada:

— O' minha mãe, porque tocam o sino tanto tempo e agora toda a gente vai apressada para a Igreja?

— E' porque começa hoje o Mês de Maria, meu filho.

— O Mês de Maria? — voltou o pequeno admirado.

— Sim, o Mês de Nossa Senhora — explicou a mãe. Neste mês de Maio de que tu tanto gostas por ser embelezado por tantas flores tão bonitas e perfumadas, por os passarinhos cantarem com mais alegria e o Sol ser mais belo e brilhante, todos os

dias se deve ir à Igreja, para cantar e rezar a Nossa Senhora que é a Rainha do mês de Maio.

— Rainha?... — estranhou o miúdo. Mas você tinha-me dito que Nossa Senhora era a nossa Mãezinha do Céu...

— Pois tinha e é verdade: Ela é a nossa Mãezinha do Céu e está lá para nos defender dos perigos e nos ajudar nos nossos trabalhos e aflições.

— E Ela gosta muito de mim? — perguntou o pequeno.

— Gosta muito, meu filho.

— E de você? E do paizinho que está no Brasil?

— Também gosta muito, meu amor, — disse a mãe sorrindo-se — gosta de todos e ajuda-os, defende-os, não os deixa cair nos perigos e nas tentações.

— O' maezinha, do Céu vê-se o Brasil?

— Pois então não vê... O Brasil e a África e a Argentina e as outras partes do mundo, onde está tanta gente de S. Paio e Nossa Senhora pode, de lá, fazer bem a todos.

— E no Brasil e nessas terras, há Mês

de Maio e Igrejas com altares de Nossa Senhora.

— Pois há, minha prenda, há.

— Então o paizinho lá, também vai ao Mês de Maria rezar e cantar a Nossa Senhora?

— Ele aqui ia — disse a mãe reprimindo a custo uma lágrima de saudade — e muitas vezes te levou a rezar ao altar de Nossa Senhora das Vitórias, mas agora, lá tão longe... quem sabe se se esqueceu?

— O' maezinha, quando escrever ao Pai diga-lhe assim: «Paizinho: é o Mês de Maio; não se esqueça da Mãezinha do Céu neste mês tão lindo que é todo d'Ela. Nós todos os dias rezamos por si no altar da Senhora das Vitórias».

O mundo pertence a Deus.
Como ao Sol pertence o dia,
Ao jardim pertence a flor
É o Mês de Maio a Maria.

(Azinheira em Flor)

António Corrêa d'Oliveira

Com aprovação da Autoridade Eclesiástica

O PENEDO DO MONGE

CHEGOU a Belinho uma tarde ao pôr do sol. Alto, esguio, grandes barbas a pingarem-lhe do queixo. Malas nenhuma. Só um saco de lona às costas, sem nódoas, a revelar pouco uso. Na caminheta das sete não viera que na paragem só saiu o Crespo que vinha da vila.

O primeiro a vê-lo foi o Cunha. Correu à taberna a chamar os homens. E os homens vieram.

— Eh!

As mulheres benziam-se. E ele, sorrindo, enorme, avançava pela estrada.

Cá adiante já o esperavam. À sua passagem era um silêncio de procissão. E os olhares de todos seguiram-no pela estrada.

— Que mostrengo!

— Parece um monge!

— Santo Deus!

— Num portal havia gente. Ele afrouxou o passo, sorriu e avançou para o portal. Mas todos fugiram e fecharam o portal por dentro.

— Cruzes!

Enfiou pela estrada que levava à igreja. Uma tira de estrada sem ninguém e depois uma casa. Bateu à porta. À janela, uma rapariguita:

— Uih. Ó mãe venha ver. Corra,

— Pediu dormida. Só por uma noite. Ainda que fosse num curral. Vinha cansado e a noite não tardava.

Por esmola, minha senhora.

Credo! Santíssimo Sacramento!

E baixou a janela com força.

E o homem, devagar, muito devagar, subiu a montanha, de costas voltadas para a aldeia.

Pela encosta a noite descia.

• • •

Foram os garotos que levavam as cabras a apascentar para o monte que trouxeram a notícia. O Monge (chamavam-lhe monge por causa das barbas), vivia na montanha no penedo furado. Era um penedo enorme, ôco por dentro, onde cabiam algumas pessoas à vontade.

Ao princípio, os miudos, do monte de cá, apedrejavam-lhe o penedo.

— Eh monge.

— Eh barbudo.

E desciam a correr encosta abaixo. Mas o homem não se ralava e eles foram-se aproximando. O Corrécio, mais corajoso, chegou mesmo a passar ao alcance do penedo, tangendo as cabras, muito pressuroso, como quem não quer a coisa.

— Ó miudo.

— O rapaz ia a desatar a fugir.

— Vais-me aí a uma loja que eu dou-te dez tostões?

— Dez tostões? Vou pois. Dê-mos cá.

O miudo aproximou-se.

— Como te chamas?

— Vocemecê não sabe? Sou o Corrécio.

Todos conheciam o Corrécio. Moreno, quase sempre com a cara arranhada, calça róta no joelho, uma só alça a cruzar-lhe a camisa suja. Quase dez anos. Era o Corrécio. Assobiava que era uma perfeição. Não tinha pai. Nunca tivera pai. Vivia em liberdade que a mãe pouco conseguia dele. Vidro que aparecesse partido, galinha manca ou pereira sem peras, era escusado fazer mais investigações. Tinha sido o Corrécio de de certeza. O Corrécio e a malta que o Corrécio gostava de sociedade. A mãe derretia-o com pancada mas ele era incorrigível. Era por isso que lhe chamavam o Corrécio. Corrécio queria dizer para aquela gente que não tinha correcção.

— Corrécio? Não parece nome de gente.

— Olhe tiosinho: eu sou Corrécio só cá na terra. Que de resto o meu nome é António.

E foi à loja.

Pela semana adiante começaram a aparecer os outros.

— Tio monge, é preciso ir à loja?

Não era mas ele dava-lhes rebufados. E perguntava-lhes os nomes e a idade de cada um. E às vezes ficava muito triste. E eles perderam-lhe o medo.

À noite acendia uma fogueira e cozinhava. No fim ia para junto da capela da Senhora da Guia e ficava-se a cismar com a cabeça no postigo. Depois, quando o luar enchia a montanha, subia ao monte sobranceiro à povoação e contemplava a aldeia, picada de luzinhas. Era uma aldeia pequena, de casas pobres, encolhida entre a vertente e a estrada nacional. Depois eram os campos. E ao fundo o mar onde a lua se espelhava.

(Continua no próximo número)

Obras na igreja paroquial

O soalho está pronto! Depois de tantos trabalhos chegamos ao fim, faltam apenas os últimos retoques.

Há um ano nem vós nem eu pensávamos que isto se fizesse... Vivamos todos do mesmo ideal e, trabalharemos mais e melhor.

POR TERRAS DE ANGOLA

Malange, 10 de Abril de 1958

Dig.^{mo} Rev.^{mo}
Pároco da Freguesia de
S. Paio de Antas

Como filho da Terra de Antas, acuso ter recebido o 4.º número do pequenino jornal intitulado, «A VOZ DE ANTAS».

Constatai, através de escritos no mesmo, que é a V. Ex.^a Rev.^{ma} que lhe cabem as honras da iniciativa.

Bem haja pela grande ideia, e honras lhe sejam dadas, que bem as merece: labuto pelas terras de Africa aproximadamente 10 anos, porém nunca me esqueci da Família, da Terra e da Igreja, porém por força das circunstâncias, não me tem sido possível, fazer uma visita à Terra em que nasci.

Desta forma, elogio a ideia de ter pensado neste pequenino jornal, que visto com bons olhos, em longas paragens, se torna grande, e contribuindo assim, para reviver, e estreitar a amizade à Terra em que nasceram, todos aqueles, que se encontram espalhados pelo mundo.

Pequeninos, também nós nascemos, e com o tempo tornamo-nos crescidos, e assim ha-de suceder ao nosso pequenino jornal, nasceu pequenino mas com o tempo se fará grande.

V. Rev.^{ma} permite-me que lhe apresente uma ideia!...

Não seria talvez uma boa lembrança aumentar-se mais uma página ao nosso pequenino jornal, com o título: Natal para todos.

Desta forma, poderiam todos aqueles que se encontram ausentes contribuir, com uma lembrança mesmo pequena que fosse, para assim dar mais um pouco de conforto àqueles que muito precisam na noite Santa de Natal.

V. Ex.^a Rev.^{ma} é que procederia à sua distribuição, pois melhor sabe do que ninguém, aqueles que mais precisam.

Se esta ideia for aceite, eu da minha parte inscrevo-me com a importância de 400\$00.

Rev.^{ma}, desculpe roubar-lhe o seu precioso tempo; junto segue um cheque do Banco de Angola de importância 300\$00 para puxar pelas ore-

lhas ao nosso jornal (BAMBI) para ver se ele cresce.

OFERECIDOS

Albino Pereira de Sá «chefe de Família» .	200\$00
Maria da Cunha M. de Sá «Esposa» .	50\$00
Albina Martins de Sá «Filho»	50\$00

Um abraço deste vosso paroquiano e amigo.
Até à vossa respostas se Deus quiser.

De V. Ex.^a Rev.^{ma}

Atencioso e obrigado, ao vosso dispor em Angola

Albino Pereira de Sá

Como acabais de ler, a carta do Albino de Sá apresenta uma linda e cristã ideia: — Durante a roda do ano, cada um tira uns escudos às suas economias para na festa do Natal ser distribuido pelos pobres.

Está aberta a lista:

Albino Pereira de Sá	400\$00
--------------------------------	---------

Obrigado

Do estrangeiro e do ultramar enviaram lembranças:

Amândio Viana M. Torres — Goa — 50\$00.

Cândido Alves da Cruz — Argentina — (jor. e obras) 200\$00 e mais 500\$00 para a Senhora de Fátima.

Manuel Alves da Cruz — Argentina (obras) 150\$00.

José Alves da Cruz — Argentina — (jornal e obras) 100\$00.

Manuel Fernandes da Cruz Viana — Angola — 50 angol.

Manuel da Cruz Neiva — Goa — 150\$00.

A todos o Senhor aumente o que fica.

DOENTES

Os Srs. Viana e Alfredo Ferreira estão quase restabelecidos.

Os restantes doentes continuam a viver oferecendo ao Senhor por todos nós, os seus sofrimentos.

«Cristo sofreu por nós. — E nós — que temos sofrido por Ele?»

NOTICIÁRIO

Baptizados

Maria Alice Ferreira Rodrigues, filha de Manue António Rodrigues e de Beatriz Alves Ferreira, residentes no lugar da Igreja, foi baptizada a 20/4.

Fernando Manuel da Costa Laranjeira, filho de Albino Rodrigues Laranjeira e de Maria Emilia Martins da Costa, residentes no lugar do Monte, foi baptizado a 22/4.

Maria Filomena Viana do Vale, filha de Laurentino Meira do Vale e de Judite de Azevedo Viana, residentes no lugar de Azevedo, foi baptizada a 4/5.

Maria Dulce Ferreira Vaz Saleiro, filha de António Afonso Vaz Saleiro e de Leontina Maria Gonçalves Ferreira, residentes no lugar de Belinho, foi baptizada a 11/5.

José de Oliveira Moreira, filho de António Moreira e de Elisa Martins de Oliveira, residentes no lugar da Estrada, foi baptizado a 11/5.

«Em caso de necessidade qualquer pessoa pode baptizar, em qualquer parte e sem as cerimónias solenes.

O baptismo de urgência faz-se da seguinte maneira: lança-se água sobre a cabeça e ao mesmo tempo dizem-se as palavras prescritas por Jesus: EU TE BAPTIZO EM NOME DO PAI, E DO FILHO E DO ESPÍRITO SANTO. A pessoa que deita a água será a mesma que pronuncia as palavras.

Óbitos

A morte é o princípio da vida que já mais terá fim.

Manuel Armindo da Rocha Rolo, com quatro meses de idade, filho de Serafim Meira Rolo e de Maria Emilia Gramosa da Rocha, faleceu a 26/4.

Rosa Lourenço de Faria, (Rosa do Pires), de 82 anos, faleceu no lugar do Monte a 4/5.

Partiram . . .

Cândido Moreira de Faria, casado, partiu para a Argentina a 24/4.

Para a vida militar:

Manuel Ferreira da Cruz, Domingos do Vale Silva, Avelino de Almeida Torres Neiva, Aristides de Almeida Torres Neiva, Rogério Faria Rolo, e Hilário Meira Rolo, todos para Infantaria 8, Braga; Adélio Azevedo Sá, Cavalaria 6, Porto; António Rodrigues Cachada, Cavalaria 7, Lisboa; e Hilário Meira Portela, Lanceiros 1, Elvas.

Regresso

Do Brasil regressou Manuel Augusto Gonçalves Portela.

Vida Religiosa

O tríduo do SS.^{mo} Sacramento terá início no dia 1 de Junho.

Àqueles que ainda não cumpriram o preceito pascal, confissão e comunhão, lembramos que o tempo termina no domingo da Santíssima Trindade, 1 de Junho.

13 de Maio

A 13 de Maio de 1917, há 41 anos, Nossa Senhora veio à Cova da Iria e apareceu a três inocentes crianças. Trouxe uma mensagem, a mensagem de Jesus: — PENITÊNCIA E ORAÇÃO.

15 de Maio—Festa da Ascensão

Quarenta dias depois da Ressurreição gloriosa, Jesus subiu ao Céu. Com a entrada de Jesus, Homem-Deus, as portas, fechadas pelo pecado de Adão e Eva, ficaram para sempre abertas. Porém, é necessário que os nossos pecados pessoais não tornem inútil a Redenção.

25 de Maio — Espírito Santo

Nove dias após a Ascensão, Jesus enviou o Espírito Santo. Os Apóstolos que, até esse dia, eram medrosos, covardes (não fugiram eles quando o Mestre foi preso?...), apegados às coisas do mundo num só instante, tornaram-se fortes, audazes com coragem para seguir Jesus até ao martírio.

Peçamos ao Espírito Santo levante a nossa vida, mesquinha e terrena, e a transforme em vida divinizada.

Modéstia cristã

Em 1956 os Bispos de Portugal publicaram uma Nota Pastoral sobre a modéstia cristã na qual dizem:

— . . . Condenamos, com toda a Nossa autoridade:

«A imodéstia dos vestidos que, por demasiadamente cingidos pela sua estreiteza, põem em relevo as formas, cujo recato a fé e a própria dignidade natural exigem; a imodéstia dos vestidos de tal maneira reduzidos, que quebram a reserva e o respeito com que deve olhar-se um corpo que foi consagrado a Deus no baptismo, e que aliciam ao mal; a imodéstia dos vestidos que, por sua transparência, são causa de ruína espiritual».

«Deus deixou-nos três recordações do paraíso terrestre: o brilho das estrelas, a beleza das flores e o olhar limpo dum jovem puro».